

nhecendo em Prati o destruidor das tradições classicistas da poesia italiana, o precursor da poesia sentimental e sensual de Pascoli e D'Annunzio. Neste sentido é Prati o único romântico autêntico da literatura italiana do século XIX.

A semelhança de família entre os byronianos é tão grande que os mesmos elementos definem, em dosagem diferente, as personalidades mais diversas. O liberalismo patriótico de Prati, a poesia melancólica de Lenau, a ironia de Musset, tudo isso encontra-se em Almeida Garrett (27), o poeta lamartiniano das *Fôlhas Caídas*, o ironista sterniano (ou heiniano) das *Viagens na Minha Terra*, o lutador e orador do liberalismo português. Mas tudo isso não o define inteiramente. Garrett desempenha na literatura portuguesa o papel de Puchkin na russa: depois de um isolamento cultural de séculos, abriu as fronteiras, europeizando as letras e a política do seu país, criando uma obra multiforme, verdadeira enciclopédia de tôdas as tendências literárias da sua época. Estava capacitado para isso por certa ligeireza aristocrática, sem se preocupar muito com contradições. A primeira e principal arma de Garrett contra o classicismo tradicional, petrificado, era o medievalismo: escreveu um romance histórico à maneira de Walter Scott e — o que é mais importante — redescobriu a antiga poesia portuguesa, de Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Mas foi um bom liberal, se bem com atitudes de *dandy*, de Byron

-
- 27) João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, 1799-1854. *Camões* (1825); *D. Branca* (1826); *Lírica de João Mínimo* (1829); *Um auto de Gil Vicente* (1838); *O Alfageme de Santarém* (1842); *Frei Luís de Souza* (1844); *Flôres sem fruto* (1845); *O Arco de Sant'Ana* (1845-1851); *Viagens na minha terra* (1846); *Fôlhas caídas* (1853) etc.
Edição por Th. Braga, 28 vols., Pôrto, 1904.
Th. Braga: *Garrett e o Romantismo*. Pôrto, 1904.
G. Le Gentil: *Almeida Garrett, un grand romantique portugais*. Paris, 1927.
O. Antscherl: *Almeida Garrett und seine Beziehungen zur Romantik*. Heidelberg, 1927.
J. Osório de Oliveira: *O romance de Garrett*. Lisboa, 1935.
A. Crabbé Rocha: *O teatro de Garrett*. Coimbra, 1944.

de salão. A flexibilidade do seu talento, que o tornou renovador universal da literatura portuguesa, só lhe permitiu realizar poucas obras de valor permanente — entre as quais o drama romântico *Frei Luís de Sousa*. Só na poesia lírica chegou, nas *Fóllhas Caídas*, à expressão pessoal e livre, continuando, depois de um intervalo de séculos, a tradição sentimental da raça. Há muitos “vers de société” nas coleções de Garrett; mas o valor das suas melhores poesias só se revela quando se pensa nos produtos dos seus sucessores.

A poesia de Almeida Garrett parece música de câmara, suave e elegante, quando comparada com as ruidosas manifestações poéticas de Espronceda⁽²⁸⁾; a violência da sua poesia é um traço especificamente espanhol, revelando-se também nas explosões de Larra. Mas Larra não é byronista, senão nos gestos espetaculares; e o mesmo se pode dizer de Espronceda. A sua vida confusa de revolucionário e herói de tragédias eróticas contribuiu para formar, a seu respeito, uma lenda que o tornou popularíssimo. Espronceda encarnou os conceitos poéticos dos espanhóis do século XIX de tal modo que os próprios círculos acadêmicos cederam, enfim, admitindo as suas poesias nos livros didáticos, exaltando-se-lhe a memória como se êle fôsse superior a Goethe e Hugo. Não podia faltar a

28) José de Espronceda, 1808-1842. *Sancho Saldaña o el castellano de Cuéllar* (1834); *Poesias* (1840); *El diablo mundo* (1841); *Blanca de Borbón* (publ. 1870). Edições das poesias por J. Moreno Villa (Clásicos Castellanos, vols. XLVII, L), e por J. Casales Muñoz, Madrid, 1923. P. H. Churchman: “Byron and Espronceda”. (In: *Revue Hispanique*, 1947). J. Cascales y Muñoz: *José de Espronceda, su época, su vida y sus obras*. Madrid, 1914. P. Salinas: “Revolt against Reality”. (In: *Reality and the Poet in Spanish Poetry*. Baltimore, 1940.) J. de las Cuevas: *Genio e ingenio de José de Espronceda*. Madrid, 1944. E. Pujals: *Espronceda y Lord Byron*. Madrid, 1951.